



***O mundo no black power de Tayó, de Kiusam de Oliveira:
uma leitura transdisciplinar¹***

*O mundo no black power de Tayó, by Kiusam de Oliveira:
a transdisciplinary reading*

Keyla Patrícia da Silva MACENA¹
Nelma Menezes Soares de AZEVÊDO²

Resumo: O presente trabalho é fruto de um estudo bibliográfico que objetiva apresentar a obra *O mundo no black power de Tayó*, sob autoria de Kiusam de Oliveira, como instrumento artístico possível para uma leitura transdisciplinar do mundo, a fim de formar indivíduos mais humanizados, de modo que considerem as diferentes dimensões do ser, tornando-se mais respeitosos, tolerantes com o próximo e conhecedores de si mesmos. Deste modo, embasamos nossa pesquisa em Morin (2000), Coelho (2000) e Suanno (2014) e dividimos o artigo em três partes, capazes de deslindar o conceito de transdisciplinaridade, demonstrar a importância de a temática étnico-racial ser trabalhada na literatura escolarizada e analisar a função ilustrativa do livro, enquanto contribuição na renovação do olhar em relação à complexidade existente no diálogo verbo-visual. Esperamos colaborar com a formação docente acerca da transdisciplinaridade e facilitar o trabalho com os educandos em atividades futuras.

Palavras-chave: Literatura. Temática étnico-racial. Transdisciplinaridade. O mundo no black power de Tayó. Ilustração.

Abstract: The present work is the result of a bibliographic study that aims to present the work *O mundo no black power de Tayó*, under the authorship of Kiusam de Oliveira, as a possible artistic instrument for a transdisciplinary reading of the world, in order to form more humanized individuals, in a way that consider the different dimensions of being, becoming more respectful with others and self-aware. Thus, we based our research on Morin (2000), Coelho (2000) and Suanno (2014) and divided the article into three parts, capable of unravelling the concept of transdisciplinarity, to demonstrate the importance of the ethnic-racial theme being worked on in school literature and analyze the illustrative function of the book. We hope to contribute to teacher training on transdisciplinarity and make the working with students easier in future activities.

Keywords: Literature. Ethnic-racial theme. Transdisciplinarity. O mundo no black power de Tayó. Illustration.

<http://dx.doi.org.10.24024/23579897v29n2a2020p1050116>

¹ Artigo referente à pesquisa realizada através do Núcleo de Pesquisa e Iniciação Científica da FAFIRE – NUPIC –, desenvolvida em 2019 e apresentada no 17º Congresso NUPIC, em 26 de junho de 2020.

² Graduanda do Curso de Letras | FAFIRE | e de Pedagogia | UFPE | E-mail: keylamacena@gmail.com

³ Mestra em Educação | UFRPE | Especialista em Literatura Infantojuvenil | FAFIRE | e orientadora da pesquisa | E-mail: nelmaa@prof.fafire.br

Introdução

Este trabalho propõe uma análise da obra *O mundo no black power de Tayó*, de Kiusam de Oliveira, de modo a compreender como a narrativa pode auxiliar o desenvolvimento humano dos indivíduos, através de uma leitura transdisciplinar.

O livro narra a história de Tayó, uma menina de seis anos, linda e muito encantadora, que ostenta uma enorme cabeleira, um *black power*. O penteado da garota dá vida à obra, pois é nele que habita um mundo repleto de histórias, uma vez que Tayó sempre pede que a mãe o enfeite com florezinhas, borboletinhas, tranças de lã, entre outras, para que seu penteado esteja sempre alegre e colorido. “O black power de Tayó é enorme, do tamanho da sua imaginação. Ela ama tanto os bichos, a natureza, os alimentos, as pessoas e os planetas que, por vezes, projeta todo esse universo em seu penteado” (OLIVEIRA, 2013, p. 24).

Não raro na vida de crianças negras, Tayó também é vítima de racismo em sua escola, mas não escuta os desaforos dos colegas e encontra no seu *black power* todas as suas raízes africanas, “projetando em seu penteado todos os sons e cores alegres das tradições que negros e negras conseguiram criar e preservar, como as danças, os jogos, as religiões de matriz africana, as brincadeiras, os cantos, as contações de histórias e todos os saberes...” (OLIVEIRA, 2013, p. 24).

Tayó é uma menina alegre que ensina, através de sua história, a cultura de um continente, tem certeza de que sua mãe é uma rainha com uma ancestralidade lindíssima e que ela é uma grande princesa, bem como todas as outras meninas negras existentes nesse mundo.

Posto isso, o presente artigo é fruto de uma pesquisa bibliográfica desenvolvida ao longo do ano de 2019, através de Núcleo de Pesquisa e Iniciação Científica (NUPIC) da Faculdade Frassinetti do Recife. O texto fundamentou-se em Marilza Suanno (2014), Nelly Novaes Coelho (2000), Edgar Morin (1997, 2000, 2003) e Olzeni Ribeiro e Maria Moraes (2014), a fim de desmistificar o conceito de transdisciplinaridade e ressaltar a importância de sua parceria com a literatura para a construção de sujeitos mais conscientes da realidade.

O artigo está dividido em três partes que visam explicar o conceito da transdisciplinaridade, abordar a temática étnico-racial na sala de aula, principalmente para a aquisição do respeito e do enfrentamento ao racismo e, por fim, analisar a importância das ilustrações da obra para a criação de um novo imaginário nas crianças.

Posto isso, objetiva-se, com o presente estudo, explicar o conceito e ajudar os professores no trabalho transdisciplinar na sala de aula, já que, de acordo com Suanno (2014, p. 99), “a compreensão da transdisciplinaridade [...] se apresenta desafiadora e inovadora para o pensamento humano, o trabalho docente e a produção de conhecimento”.

1. A leitura transdisciplinar

Primeiro, há a necessidade de desmistificar o conceito de transdisciplinaridade, que muitas vezes é confundido com a multidisciplinaridade e a pluridisciplinaridade. Segundo Marilza Suanno (2014, p. 104), “Transdisciplinaridade, na perspectiva do pensamento,

proposta por Edgar Morin, apresenta-se como [...] complementar a disciplinaridade”, pois, a partir dela, é possível sair do prisma limitado da disciplinaridade e abarcar o ser humano em sua totalidade, utilizando-a como “potencial transformador de mentalidade, atitude, ação e produção de conhecimento” (SUANNO, 2014, p. 10).

Em consonância com a mencionada autora, Nicolescu (1999), em seu Manifesto, explica que a transdisciplinaridade é transcendental às disciplinas, ou seja, está além, entre e através delas, de modo que não haja espaço para o binarismo, na medida em que possa perpassar diversos níveis da realidade.

Sendo assim, desenvolver um trabalho transdisciplinar é levar em consideração o ser humano por completo, suas diferentes realidades, criando condições para atitudes flexíveis de tolerância, respeito e reflexão sobre a vida. E o professor é uma figura essencial nesse processo, visto que é o mediador da construção do conhecimento, e “não é mais possível aceitar o conhecimento e a sociedade distanciados da pessoa nem a pessoa distante da sociedade a que pertence” (SUANNO, 2010, p. 208).

Posto isso, Edgar Morin (1997) advoga que a literatura e o teatro já são escolas da vida para as crianças, pois, a partir da arte elas reconhecem a si mesmas. O autor complementa que a descoberta da multiplicidade interior das pessoas existe através da complexidade, possibilitando as transformações de personalidade que ocorrem devido aos variados acontecimentos. Assim, como defende Dória, “O livro, como signo, nunca é instrumento neutro no processo social, e torna-se particularmente relevante quando há uma discussão de valores em curso. O papel do livro lido por mentes em formação, assim, não pode ser menosprezado” (DÓRIA, 2008, p. 16).

Isso significa dizer que o texto em análise no presente artigo, *O mundo no black power de Tayó*, abarca uma função maior que a de contar uma história, sendo ela a de transcender os diversos fatores sociais, de explorar a história da menina Tayó, de modo que seja perceptível a construção de identidade da garotinha mediante a aceitação de seu cabelo, de seu fenótipo e de sua ancestralidade africana, para que o respeito seja percebido através da narrativa contada no livro, como se pode observar no trecho seguinte:

Mas, quando recupera seu bom humor, é capaz de transformar todas as lembranças tristes em pura alegria, projetando em seu penteado todos os sons e cores alegres das tradições que negros e negras conseguiram criar e preservar, como as danças, os jogos, as religiões de matriz africana, as brincadeiras, os cantos, as contações de histórias e todos os saberes, demonstrando que nem correntes nem grilhões conseguiram aprisionar a alma potente dos seus antepassados (OLIVEIRA, 2013, p. 31).

Essa leitura transdisciplinar do mundo corrobora a amplitude presente nos seres humanos que compõem a sociedade, ou seja, a partir da abordagem multidimensional, não só é mais fácil trabalhar questões complexas, como é mais eficaz, pois, considerando a mente, o corpo e o espírito dos indivíduos, é possível produzir conhecimento, o reconhecimento e o autoconhecimento, a partir das relações interpessoais e da afetividade entre seres.

Assim, a leitura literária pode amadurecer o sujeito da recepção, tanto no nível da cognição quanto no nível da emoção, sem que isto esteja subdividido em partes opostas

e excludentes, pois, segundo Nicolescu (1999), a perspectiva transdisciplinar possibilita dialogar com, duvidar, pesquisar, questionar e construir conhecimentos que novamente podem ser postos em dúvida porque estão permanentemente em mutação.

Corroborando a importância de uma leitura literária formadora de consciência, Coelho (2000) afirma que,

Atendendo às novas forças atuantes no pensamento culto, podemos dizer, taxativamente, que nenhum escritor poderá criar um universo literário significativo, orgânico e coerente em suas coordenadas básicas (estilísticas e estruturais) e em sua mensagem, se não tiver a orientar sua escrita uma determinada consciência de mundo ou certa filosofia de vida [...] Na ausência destas, o mais que teremos será uma produção livresca, que poderá, inclusive, ser atraente e interessante, mas que fatalmente terá vida brevíssima: é mero jogo literário, não chega a ser uma obra literária (COELHO, 2000, p. 49).

A teórica atenta para o fato de a literatura não poder ser escrita sem propósito, apenas para fins de entretenimento. Ela explica que todos são ou deveriam ser guiados por percepções filosóficas da vida, pois, a partir daí haveria uma contribuição significativa ao aprendizado e ao processo de leitura literária. Caso contrário, logo a produção se tornaria obsoleta e em nada teria valor para a mudança de consciência em relação ao mundo.

Ribeiro e Moraes (2014) explicam que, a partir do século XX, já se apresentava a necessidade de encontrar uma nova forma de ler o mundo, principalmente por causa da evolução do pensamento científico e vanguardista. Deste modo, defendem que “o grande passo consistiu na descoberta de teorias que passaram a analisar os sistemas vivos na perspectiva de sua própria complexidade” (RIBEIRO; MORAES, 2014, p. 93).

Assim sendo, a partir disso, novas oportunidades surgem, novas epistemologias são criadas ou estudadas e os pensadores contemplan a liberdade de encarar o mundo com outros olhos, refletindo na vida, na educação e nos processos criativos.

No entanto, há ainda um empecilho muito grande nos processos educacionais; as dimensões humanas ainda não são consideradas nas salas de aula ou em outros espaços formativos, o que precisa ser revisto, ainda que seja uma construção social e histórica. De acordo com Ribeiro e Moraes,

Partimos do princípio de que não fomos educados para olhar com profundidade, pensando o mundo em sua amplitude sistêmica, mas nascemos e crescemos impregnados de um olhar míope, entrincheirado, que deu origem às diversas cegueiras em relação ao conhecimento, como sempre nos alerta Edgar Morin. Entendemos que o olhar transdisciplinar possa romper com essa cadeia linear de transmissão de conhecimentos como herança, postura especialmente danosa à compreensão e ao desenvolvimento da criatividade (RIBEIRO; MORAES, 2014, p. 95).

Dessa maneira, o alunado fica preso a um currículo totalmente conteudista, voltado ao aprendizado apenas para as avaliações, sem entender a necessidade de tal conhecimento e a sua aplicabilidade na vida. Fica um aprendizado vazio e sem sentido, pois o discente não consegue ampliar sua visão de mundo, reconhecer a si mesmo ou melhorar as relações interpessoais. Por isso, a transdisciplinaridade torna-se importante para a relação ensino-aprendizagem, como defendem os vários autores já mencionados.

Para Morin (2000), há sete saberes⁴ que são fundamentais e que devem ser observados em toda a sociedade. Entre eles está o saber quatro, que se refere ao respeito com o outro indivíduo e dialoga com o saber seis, que tratará do ensino acerca da compreensão humana. Fica evidente, então, que o ambiente escolar, como as demais relações sociais que contribuem com o aprendizado informal, devem estar vigilantes quanto à compreensão humana e ao respeito com o próximo.

Deste modo, o respeito à diversidade e o estímulo ao diálogo e à interação entre os diferentes deve ser construído e mediado pelo corpo docente das instituições de ensino. A escola deve apresentar propostas que evitem situações desumanizadoras, preconceituosas e discriminatórias que as crianças vivenciam e incentivar ações que reduzam ou eliminem essas situações, de modo que o estudante seja encorajado e ensinado a respeitar o outro e a aceitar a si mesmo como é.

Destarte, trabalhar temas relacionados à diversidade étnico-racial é indispensável para as redes de ensino, visto que vivemos em um mundo preconceituoso e, nas salas de aula, existem alunos de variadas etnias que merecem se enxergar enquanto seres humanos complexos, devendo ser respeitados pelos demais colegas.

2. A temática étnico-racial no âmbito escolar

Com as mudanças havidas na sociedade moderna, a partir dos séculos XVIII e XIX, a criança tornou-se alvo de preocupações sociais, pois se entendia que o aprendizado e as vivências passariam a ser determinantes para a formação cidadã. Sendo assim, novos ramos da ciência foram estimulados para lidar com tais situações, explicam Oliveira e Jamir e Silva (2017). Desta maneira, as crianças já não eram mais vistas como no medievo, um adulto em miniatura, ou como seres irrelevantes que logo chegariam a seus últimos dias de vida.

Assim sendo, a escola torna-se um ambiente relevante para o desenvolvimento dos indivíduos, sendo também responsável pela formação humanística e social, o que torna necessário incorporar ao currículo escolar temas relacionados às diversas dimensões humanas, e trabalhar as problemáticas sociais, principalmente o racismo, que está arraigado na sociedade brasileira, visto que o país carrega mais de três séculos de escravidão em sua história.

A filósofa russa Ayn Rand (2013) aborda o racismo como um ato totalmente imoral e irracional, pois o ser humano julga outrem por suas características físicas e genéticas em detrimento de seu caráter e sua capacidade de produção. Em harmonia com a filósofa, Antônio Candido (1999) tratara do preconceito como uma falsa noção baseada em impulsos não racionais.

Com o entendimento da importância de trazer a discussão para o âmbito escolar e com a obrigatoriedade imposta pela lei 10.639/2003, acerca do ensino da história e da cultura dos povos africanos e afro-brasileiros, percebeu-se que a literatura infantil seria uma forte aliada,

⁴ Conforme disposto em *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (MORIN, 2000, p. 13-18), os sete saberes seriam: 1, as cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão; 2. os princípios do conhecimento pertinente; 3. ensinar a condição humana; 4. ensinar a identidade terrena; 5. enfrentar as incertezas; 6. ensinar a compreensão; e 7. a ética do gênero humano.

já que ela possui também uma função social. Sendo assim, Oliveira e Jamir e Silva (2017, p. 47) afirmam que “a importância da literatura, porém, não se restringe apenas à expectativa de adquirir conhecimento, mas à possibilidade de ampliar a consciência de mundo”.

Logo, é por isso que a legislação vigente que trata do ensino da história e da cultura dos povos africanos e afro-brasileiros designa a literatura como uma das disciplinas principais a tratar do tema, porque a complexidade da temática pode ser abordada de maneira mais simples, clara e divertida, desenvolvendo o imaginário e a consciência das crianças desde cedo. De acordo com Dória,

Fala-se muito em escola inclusiva. Mas, a verdade é que é muito fácil incluir todos os alunos. Difícil é o que vem depois. Difícil é trabalhar com todas as diferenças e fazer com que elas sejam, ao menos, respeitadas. E a professora, ou professor, se vê sem recursos, sem rumo, em busca da varinha mágica. É difícil, porém necessário. Para que os que querem uma sociedade mais democrática, igualitária, e menos violenta, é imprescindível (DÓRIA, 2008, p. 11).

Desse modo, ler livros escritos por autores negros ou com personagens de tez escura, apresenta às crianças o conhecimento de diferentes culturas, possibilitando o desenvolvimento da empatia e o aprendizado do respeito por todo indivíduo, independentemente das diferenças que possam existir entre todos, além de promover a representatividade e a aceitação nos grupos étnicos diferentes que convivem no ambiente escolar, visto que o aluno terá a sua autoestima reafirmada ao se ver em uma personagem que possui as mesmas características fenotípicas e culturais que ele. Como afirmam Martins e Cosson,

A posição de personagens periféricas é trocada pela de protagonista e o negro, antes infantilizado, assume o comando de sua vida. A caracterização corporal passa a ser dignificada, e a sensualidade exacerbada perde espaço para conflitos psicológicos, entre outros aspectos, de uma estética de identidade comprometida com a representação do negro (MARTINS; COSSON, 2008, p. 59).

Assim sendo, obras com protagonistas negros alteram o imaginário popular construído através da narrativa de que o negro só serve para o trabalho escravo e que é, muitas vezes, apresentada nos materiais didáticos. O rumo da história se modifica quando ela é contada através dos olhos de quem a vivenciou, possibilitando que os discentes se vejam em diferentes lugares, dentre eles os de sujeito social, que possui direitos, história e merece ser respeitado.

Posto isso, o livro infantil *O mundo no Black Power de Tayó* dialoga com o previsto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (2004), visto que traz significados de palavras utilizadas no continente africano, menciona elementos numa perspectiva positiva, mostrando o quanto contribuíram para a formação da atual sociedade brasileira.

Esses elementos podem ser percebidos e analisados, inicialmente, a partir do próprio título do livro, que faz alusão ao penteado Black Power, característica estética dos povos negros que lutavam no fim da década de 1960, propondo o orgulho racial com o Movimento Black Power. A pesquisadora Leidiane Santos Oliveira explica que

Inicialmente o termo Black Power, desenvolvido por Stive Biko, foi pensado como a “Consciência Negra”, tempos depois o termo foi utilizado para falar de Poder Negro, eis que surge os Black Panthers (Panteras Negras) falando de: “Para o povo, pelo povo, e com o povo, todo poder para o povo”, o poder conquistado diariamente através da luta (OLIVEIRA, 2019, p. 1-2).

Deste modo, a personagem Tayó ressalta a importância do penteado *Black Power* para a construção de sua identidade e elevação de sua autoestima, como mostra o trecho: “Sobre a cabeça, a parte do corpo de que ela mais gosta, ostenta seu enorme cabelo crespo, sempre com um penteado chamado Black Power. Seu penteado faz o maior sucesso, porque Tayó costuma escolher os enfeites mais divertidos” (OLIVEIRA, 2013, p. 17-18).

Assim sendo, Tayó aproveita para enfeitar o seu penteado de diversas maneiras. Todos os dias pede algo novo a sua mãe para pôr na cabeleira. Deseja florezinhas, borboletas e até belas tranças, mas sempre amando o penteado. Esse modo de viver da personagem corrobora o apresentado por Coutinho (2009, p. 1):

No Brasil, temos assistido, ao longo dos anos, o crescimento de uma estética negra com uma valorização positiva de aspectos fenótipos “naturais”. Podemos verificar uma maior aceitação ou menor rejeição pela sociedade em geral de um modelo de pentear/adornar os cabelos que difere do baseado no “padrão europeu”.

Partindo desse pressuposto, o preconceito está enraizado e presente em nossa sociedade como um todo, o que acaba refletindo na escola, sendo a discriminação um problema de grandes proporções, e isso é perceptível no enredo, na página 26 (cf. fig.1), quando os colegas zombam do cabelo de Tayó, que prontamente afirma que eles estão invejando a sua bela cabeleira, como se pode observar em sua fala: “Meu cabelo é muito bom porque é fofo, lindo e cheiroso. Vocês estão com dor de cotovelo, porque não podem carregar o mundo nos cabelos como eu posso” (OLIVEIRA, 2013, p. 27).



Fig. 1: O mundo no black power de Tayó, de Kiusam de Oliveira (2013, p. 26).

Assim, a fim de criar condições para trabalhar o respeito e a conscientização sobre diversas questões sociais – dentre elas o preconceito derivado das questões étnico-raciais, gerado muitas vezes pelo modo de viver e de pensar de pessoas ignorantes que formam essa sociedade –, faz-se necessária uma educação fundada na transdisciplinaridade, que reconhece a importância das emoções, dos sentimentos e afetos, percebendo o sujeito em sua multidimensionalidade (corporal, mental e espiritual), como normalmente se apresenta numa obra literária.

3. O diálogo multimodal no livro

De que serve um livro sem figuras nem diálogo?
(Lewis Carroll)

Como se sabe, a busca pela leitura prazerosa não exclui a aquisição de conhecimento, pois jamais deixa de trazer informações ao leitor. O livro literário infantil geralmente apresenta um diálogo de linguagens entre o texto verbal e a imagem, tão importantes para o desenvolvimento da educação estética da criança leitora, conforme nos afirma Lewis Carroll, na epígrafe que abre este item.

Corrêa (2008) explica que a fruição estética presente nas obras é a responsável por levar os leitores a pensarem o mundo e provocar neles o encantamento com a arte, possibilitando-lhes viverem novas experiências. Deste modo, a importância das ilustrações nas obras infantis é evidente, pois, como ressalta Morin (2003), as experiências estéticas e sensíveis são fundamentais ao conhecimento da complexidade humana. As artes, segundo o autor, levam-nos à dimensão estética da existência e, através de experiências artísticas diversas, incluindo a literatura, pode-se estimular a amorosidade, a sensibilidade e o cultivo do estado poético e estético dos sujeitos.

Ademais, a multimodalidade nas obras literárias incentiva o multiletramento, visto que elas se tornam capazes de ampliar sua visão e interpretação acerca dos fatos a que estão sendo expostos, tornando-se pessoas mais críticas e reflexivas. Rojo explica que,

Diferentemente do conceito de letramentos (múltiplos), que não faz senão apontar para a multiplicidade e variedade das práticas letradas, valorizadas ou não nas sociedades em geral, o conceito de multiletramentos – é bom enfatizar – aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica (ROJO, 2012, p. 13).

Sendo assim, os multiletramentos consideram a dimensão cultural e semiótica como importantes na construção de um sujeito letrado e humano, capaz de refletir acerca do mundo e enxergar a complexidade dos sujeitos, inclusive a si mesmo.

Posto isso, Coelho (2000) explica que foi nos estudos psicanalíticos, com abordagens pedagógicas, que se provou a linguagem das imagens como sendo mediadora e eficaz para fazer uma ligação entre o prazer, a descoberta e o conhecimento entre a criança e o mundo das formas – seres e objetos – que estão ao seu redor, as quais passa a explorar.

Gianni Melo (2011, p. 23) afirma que “muitas pessoas acreditam que a ilustração limita a narração literária e a capacidade do texto em sugerir imagens”. No entanto, o que ocorre é o oposto, visto que as narrativas verbo-visuais proporcionam um impacto maior ao que está sendo escrito, possibilitando novas significações. Melo (2011) também ressalta a importância das imagens não só como um agregador estético, mas como um componente essencial, pois explica que a criança do atual século vive numa sociedade carregada de referências visuais. Sendo assim, os autores e ilustradores encaram o dilema de como retratar o verbo de forma imagética.

Ao nos depararmos com produtos complexos e artísticos, começamos a perceber que a ilustração não exige menos do ato da leitura, ao contrário, demanda outro grau de envolvimento do leitor. Afinar a poesia do texto com a da imagem requer atenção, disposição, esforço crítico e sensível (MELO, 2011, p. 24).

Significa dizer, em harmonia com o pensamento de Coelho (2000, p. 189), que “esse convívio com a imagem, associada à palavra nomeadora, facilitará a operação mental que identifica a percepção visual e a palavra correspondente. Mas, para que isso se dê, a imagem deve ser nítida e imediatamente perceptível pela criança”. Ou seja, ainda que haja a complexidade para o entendimento da imagem, ela deve possibilitar um envolvimento maior do leitor com o texto, o que torna mais simples a compreensão, além de proporcionar uma visão ampliada e poética do mundo em que se vive.

Dessa maneira, o livro em análise traz uma série de ilustrações que rememoram a África, suas cores, seus traços, suas indumentárias, a fim de trazer uma caracterização positiva e significativa para a história narrada. Os desenhos são da artista Taisa Borges, que cursou artes plásticas em São Paulo e prosseguiu com seus estudos na França⁵. As cores e as formas das ilustrações criam ritmos visuais e registram a alegria de Tayó.



Fig. 2: *O mundo no black power de Tayó*, de Kiusam de Oliveira (2013, p. 30).

⁵ Conforme informações inseridas na obra em estudo, p. 43.

As ilustrações na obra tornam perceptível a beleza que existe em Tayó (cf. fig. 2) e em suas origens, que são lembradas por ela durante a narração, já que a técnica empregada pela autora proporciona ao leitor uma experiência significativa, como afirma Melo:

Um fator que agrega beleza e variedade ao livro ilustrado contemporâneo é a multiplicidade de estilos e técnicas espalhados pelas páginas. Embora as diversas estéticas sejam fruto, sobretudo, do exercício criativo dos profissionais, a evolução tecnológica também colaborou para a melhoria da publicação (MELO, 2011, p. 25).

Ou seja, tanto a criatividade como a técnica, e a qualidade de sua digitalização e impressão, corroboram para dar melhor significado à ilustração. O recurso estético possibilita uma leitura mais significativa do texto, em que a história é contada a partir das próprias ilustrações. Como se explicita em *O mundo no black power de Tayó*, à medida que a história vem sendo contada, as ilustrações vão revivendo o texto escrito de forma memorável e criativa, dando vida ao que foi apresentado pela narradora (cf. fig. 3), onde ainda se descreve que “Tayó tem 6 anos. É uma menina de beleza rara. [...] Seu rosto parece uma moldura de valor, que destaca belezas infinitas, seus olhos são negros, [...] seu nariz parece mais uma larga e valiosa pepita de ouro” (p. 8-12).



Fig. 3: *O mundo no black power de Tayó*, de Kiusam de Oliveira (2013, p. 30).

A obra, que utiliza multimodalidade, acaba agregando os dois fatores significativos, de modo em que um não exclui o outro, mas podem ser lidos de maneira separada, a fim de ampliar a cognição e a imaginação do indivíduo leitor. De acordo com Hunt,

Os livros-ilustrados podem explorar essa relação complexa; as palavras podem aumentar, contradizer, expandir, ecoar ou interpretar as imagens – e vice-versa. Os livros-ilustrados podem cruzar o limite entre os mundos verbal e pré-verbal. [...] logo, os livros-ilustrados podem desenvolver a diferença entre ler palavras e ler imagens: não são limitados por sequência linear, mas podem orquestrar o movimento dos olhos (HUNT, 2010, p. 234).

Deste modo, fica evidente a importância da linguagem imagética para uma leitura transdisciplinar que seja capaz de lidar com os sentimentos e a complexidade humana, pois a

percepção visual e poética auxilia a afetividade que precisa ser desenvolvida nas crianças para a construção de um mundo melhor e humano e uma aceitação plena de si mesmas.

Considerações finais

Por meio da análise da obra, foi possível refletir e compreender a relevância do texto literário numa perspectiva transdisciplinar, fazendo emergir problemáticas associadas à temática étnico-racial, pois a transdisciplinaridade possibilita ao educando reconhecer ao outro e a si mesmo, fazendo-o compreender a complexidade existente entre corpo, mente e espírito.

Temos conhecimento que ser leitor de literatura é mais do que fruir um livro de ficção ou se deleitar com as palavras, pois é também se posicionar, questionar a realidade que está em sua volta e ser crítico dos acontecimentos desumanos com o qual nos deparamos diariamente. Assim sendo, o combate ao racismo é fruto de produções e leituras literárias capazes de ensinar e possibilitar uma nova interpretação do mundo.

É importante ressaltar que a literatura é um elemento indispensável na construção de uma pessoa humana e cidadã, capaz de sentir empatia, respeitar e entender o seu próximo. A leitura, além de possibilitar novas vivências, ensina. Por isso, é importante que os professores façam uso de livros literários para trabalhar temáticas tão caras à sociedade, mediando o saber e a diversão que a leitura pode propiciar aos educandos.

Creemos, portanto, termos contribuído com a reflexão acerca da importância de uma leitura transdisciplinar de obras infantis como meio de estimular o diálogo entre seres diversos, a fim de promover o respeito à diversidade e combater situações desumanizadoras e preconceituosas.

Referências

- BRASIL. **Diretrizes Curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro Brasileira e Africana**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2004.
- BEZERRA, Rosilda Alves; COSTA, Maria Suely. A Lei 10.639 e o combate ao racismo através da literatura infantil e suas relações étnico-raciais. *In*: FONSECA, Ivonildes da Silva; COSTA, Marta Furtado da; CHAGAS, Waldeci Ferreira (org.). **Estudos Étnico-Raciais na Educação Básica**. João Pessoa: Imprell, 2016.
- CAGNET, Sueli de Souza; SILVA, Cleber Fabiano da. **Literatura infantil juvenil: diálogos Brasil-África**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2013.
- CANDIDO, Antônio. Preconceito e democracia. Remate de males. São Paulo: Unicamp, 1999.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- CORRÊA, Hércules Tolêdo. Qualidade estética em obras para crianças. *In*: SOARES, Magda; PAIVA, Aparecida (org.). **Literatura infantil: políticas e concepções**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- COUTINHO, Cassi Ladi Reis. A estética negra em Salvador (1996-2005). ANPUH – **XXV Simpósio Nacional de História**, Fortaleza, 2009.
- DÓRIA, Antonio Sampaio. **O preconceito em foco: análise de obras literárias infanto-juvenis: reflexões sobre história e cultura**. São Paulo: Paulinas, 2008.

- HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- MARTINS, Aracy; COSSON, Rildo. Representação e identidade: Política e estética étnico-racial na literatura infantil e juvenil. *In*: SOARES, Magda; PAIVA, Aparecida (org.). **Literatura infantil: políticas e concepções**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- MELO, Gianni Paula de. Ilustração: na viagem da imagem lúdica. *In*: **Continente**, Recife, ano XI, out. 2011.
- MOURA, Eduardo; ROJO, Roxane. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.
- MORIN, Edgar. **Meus demônios**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1997.
- MORIN, Edgar. A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.
- NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.
- OLIVEIRA, Kiusam de. **O mundo no Black Power de Tayó**. São Paulo: Peirópolis, 2013.
- OLIVEIRA, Leidiane Santos. A hereditariedade, é por isso que o meu corpo treme todo: Trajetória Artística de Gerson King Combo. ANPUH – Brasil. **30º Simpósio Nacional de História. Recife**, 2019.
- OLIVEIRA, Rayne Maria da Silva; JAMIR E SILVA, Liliane Maria. Literatura infantojuvenil afro-brasileira: caminhos na superação do racismo. **Lumen**, Recife, v. 26, n. 1, p. 45-65, jan. /jun. 2017.
- RAND, Ayn. Racismo. *In*: **A virtude do egoísmo**. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.
- RIBEIRO, Olzeni Costa; MORAES, Maria Cândida. **Criatividade em uma perspectiva transdisciplinar: rompendo crenças, mitos e concepções**. Brasília: Unesco, 2014.
- SUANNO, João Henrique. Práticas inovadoras em educação: Uma visão complexa, transdisciplinar e humanísticas. *In*: MORAES, Maria Cândida; NAVAS, Juan Miguel Batalloso (org.). **Complexidade e transdisciplinaridade em educação: teoria e prática docente**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2010.
- SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. Em busca da compreensão do conceito de transdisciplinaridade. *In*: MORAES, Maria Cândida; SUANNO, João Henrique (org.). **O pensar complexo na educação: sustentabilidade, transdisciplinaridade e criatividade**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

Recebido em: 02.06.2020

Aprovado em: 04.07.2020

Para referenciar este texto:

MACENA; Keyla Patrícia da Silva; AZEVÊDO, Nelma Menezes Soares de. O mundo no black power de Tayó, de Kiusam de Oliveira: uma leitura transdisciplinar. **Lumen**, Recife, v. 29, n. 2, p. 105-116, jul./dez. 2020.